

Com o caminho de ferro nalguma escrita de viagens portuguesa

V Encontro De Famalicão para o Mundo

Organização científica:
Aurora Ferreira (CMUP)
Luís Alberto Alves (FEUC/FLUP)
Cláudia Nóbrega (FEUC/FLUP/INIST)
Fátima Lopes (FEUC/FLUP/INIST)
Cristina Clemente (FEUC/FLUP/INIST)
Antónia Gonçalves (FEUC/FLUP/INIST)
Miguel Barros (FEUC/FLUP/INIST)
Aurora Marques (FEUC/FLUP)

CO MBC

... de comboio há 150 anos!

10 1

19.

50 20.09.25 A

Museu Nacional Ferroviário - Núcleo de Lousado, VN Famalicão

Imagem decorativa: 1852 | <https://www.inec.pt/pt/temas/200>
Imagem decorativa: 1852 | <https://www.inec.pt/pt/temas/200>



Fátima Outeirinho

Universidade do Porto-Instituto de Literatura Comparada



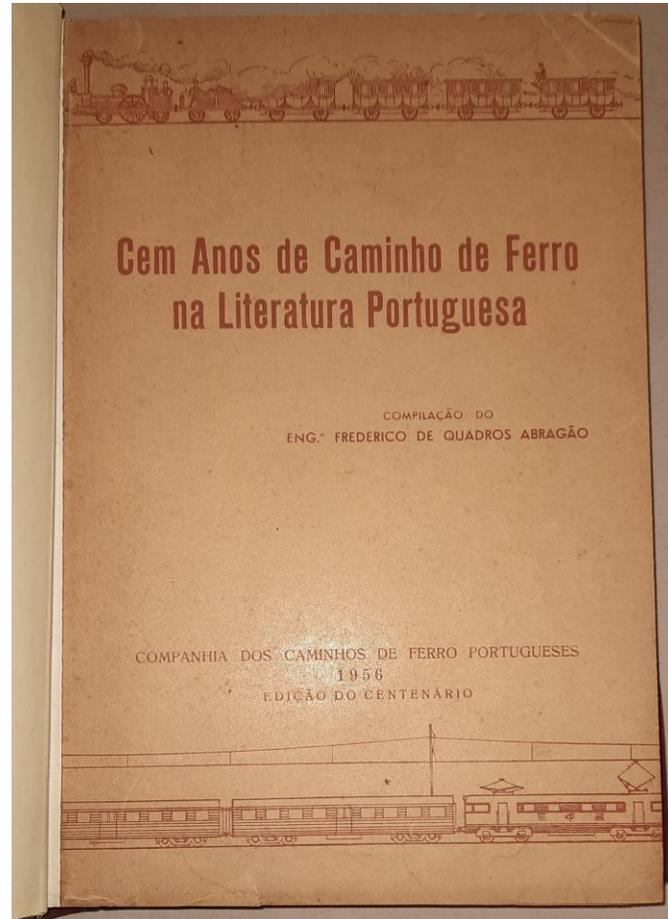
fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

O início



No centenário



	Págs.
Eça de Queiroz, «A Cidade e as Serras»	106 e
«Correspondência de Fradique Mendez»	119
«Os Maias»	124
«A Capital»	130
«O Crime do Padre Amaro»	136
«Contos»	138
«Conte de Abranches»	139
«Uma campanha alegre» in «As Farpas»	142
«O Primo Basílio»	145
D. João da Câmara, «A triste viuvinha»	145
«Os Velhos»	151
«A trincheira 108»	156
Mendonça e Costa, «A linha de Sintra»	159
«Do Porto a Salamanca»	164
Fialho d'Almeida, «País das Uvas»	168
«Cidade do Vício»	170
«Lisboa Galante»	171
«Vida Irônica»	173
«A Esquina»	178
Abel Botelho, «Próspero Fortuna»	180
«Amanhã»	182
«O Barão de Lavos»	184
Eduardo de Noronha, «Fontes Pereira de Mello e os seus cola- boradores»	190
João Grave, «Jornada romântica»	198
Forjaz de Sampaio, «De Lisboa ao Porto na máquina do rápido»	202
Jaime de Magalhães Lima, «Vozes do meu lar»	205
«Em jornadas»	203 e
Manuel Ribeiro, «A planície heroica»	208
«O Deserto»	210
«Revoada dos Anjos»	211
Samuel Maia, «Mudança de ares»	213
«Este Mundo e o outro»	215
«Os Expressos populares»	218
Luzia, «Cartas de uma vagabunda»	222
«Cartas do Campo e da Cidade»	223
«Última rosa de verão»	225
Antero de Figueiredo, «Jornadas em Portugal»	228
«Espanha»	229
«Toledo»	234
«Senhora do Amparo»	235
«Fátima»	236
Brito Camacho, «Jornadas»	241
«Por cerros e vales»	248
«Contos e Sátiras»	252

	Págs.
Aquilino Ribeiro, «Filhas de Babilónias»	254
«O homem que matou o diabo»	254
«Lápides partidas»	259
Teixeira de Pascoais, «Trechos de uma conferência»	290
Carlos Santos, «Como eu vi a França»	293
Sousa Costa, «Filhas do Pecado»	295
«Resurreição dos Mortos»	274
«O Alentejo e a lenda da paisagem monótona»	276
Miguel Torga, «Vindima»	281
Alves Redol, «Porto Manso»	286
«Horizonte cerrados»	299
«Os homens e as sombras»	300
«Aveiros»	304
«Galbétus»	304
«Olhos d'Água»	308
Henry de Vizetelly, «In the Port Wine Country»	311
Warner Allen, «The romance of wines»	314
Bo Beckow	315
Cadernos do Instituto do Vinho do Porto	317
Henry C. James, «The Salazar Country»	320
André Brun, «Sem cura possível e «Reflexões de um viajante»	321
«Uma viagem a Lisboa»	325
Armando Ferreira, «Aventuras de D. Martinho de Agular em Lisboa»	327
«Um livro de graças»	337
«Os meus fantoches»	343
«Comboios (vulgaris de Lineu)»	345
Abreu e Sousa, «Foi num comboio para o Porto»	348
Bastos Guerra, «Cem por cento falados»	352
Branca de Gonta Colaço e Maria Archer, «Memórias da linha de Cascais»	355
Ester de Lemos, «Raparigas»	360
Joaquim Paço d'Arcos, «Espelho de três faces»	363
Hugo Rocha, «Sotaventos»	369
Joaquim Dória, «Vida dum professor primário»	377
Maria Matos, «Memórias»	379
Engenheiro Araújo Correia	391
Conde d'Aurora, «Comboios»	392
Urbano Cardoso, «De Lisboa à feira de Paris — Um cartaz de França»	396
Urbano Carrasco, «O mistério da carruagem aveludada, etc.»	398
Fernando Marcelino Reis, «Renúncia»	402
Diário do Norte, «Regionalismo num Foguete»	406
Eduardo Meneres, «O comboio»	409
«A canção do comboio era o enlevo da pequena Azete»	413

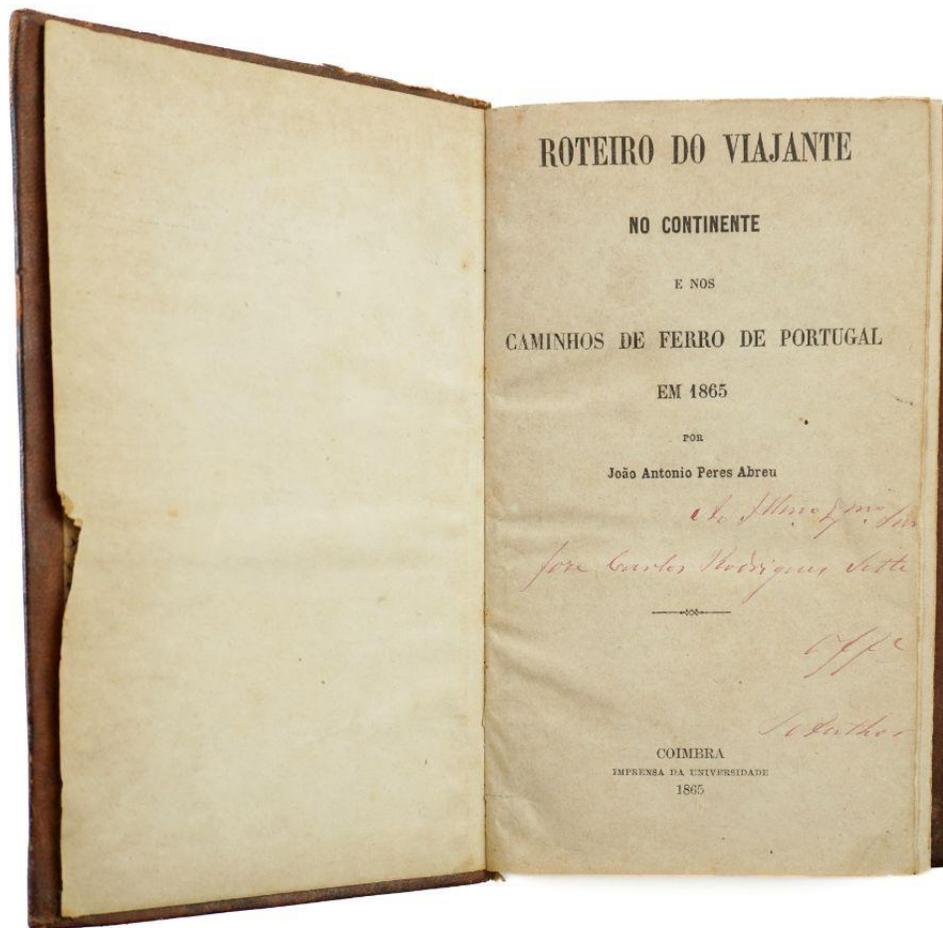


TUJA

COLECTÂNEA LITERÁRIA
o vale, o rio e a linha férrea
MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE, org. • EDUARDO BEIRA, fotos
nova edição aumentada

TUJA LINHA FÉRREA MPT Portugal

1865



ROTEIRO DO VIAJANTE

NO CONTINENTE

E NOS

CAMINHOS DE FERRO DE PORTUGAL

EM 1865

por

João Antonio Peres Abreu

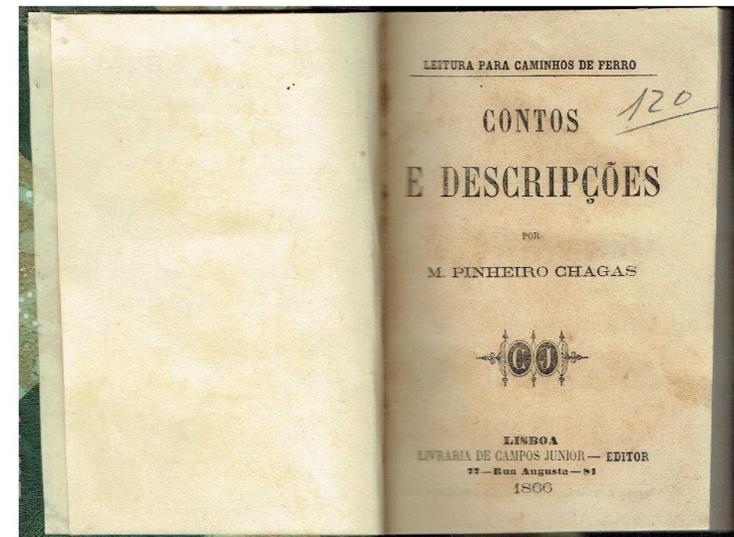
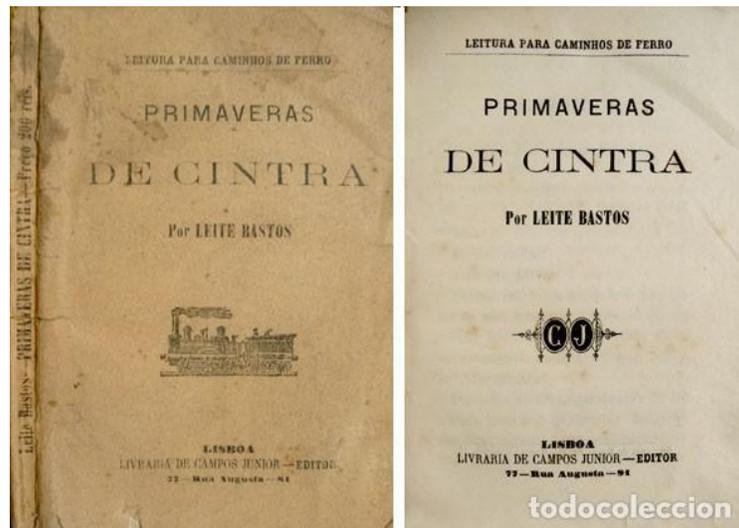
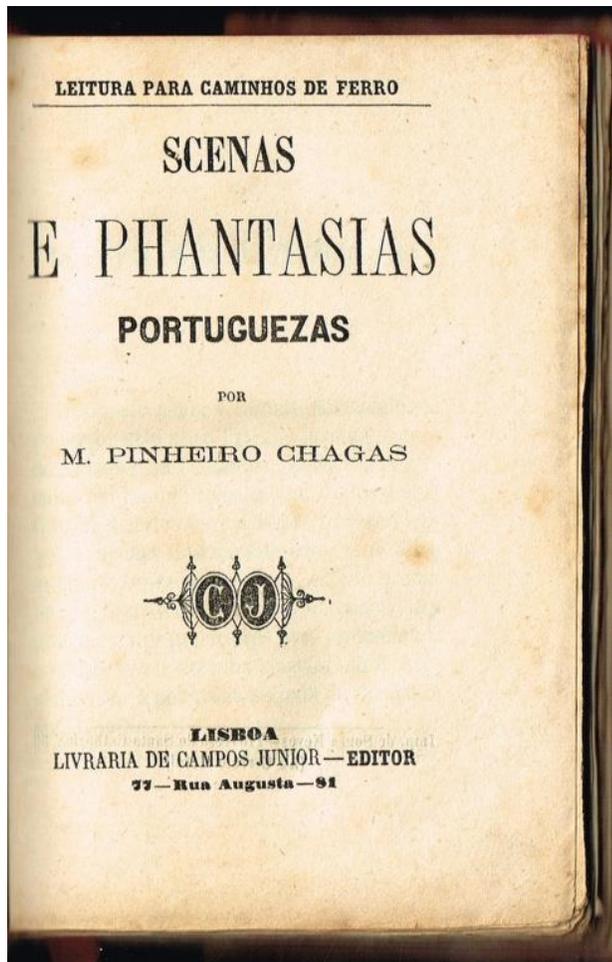
João Antonio Peres Abreu
João Carlos Rodrigues Vello

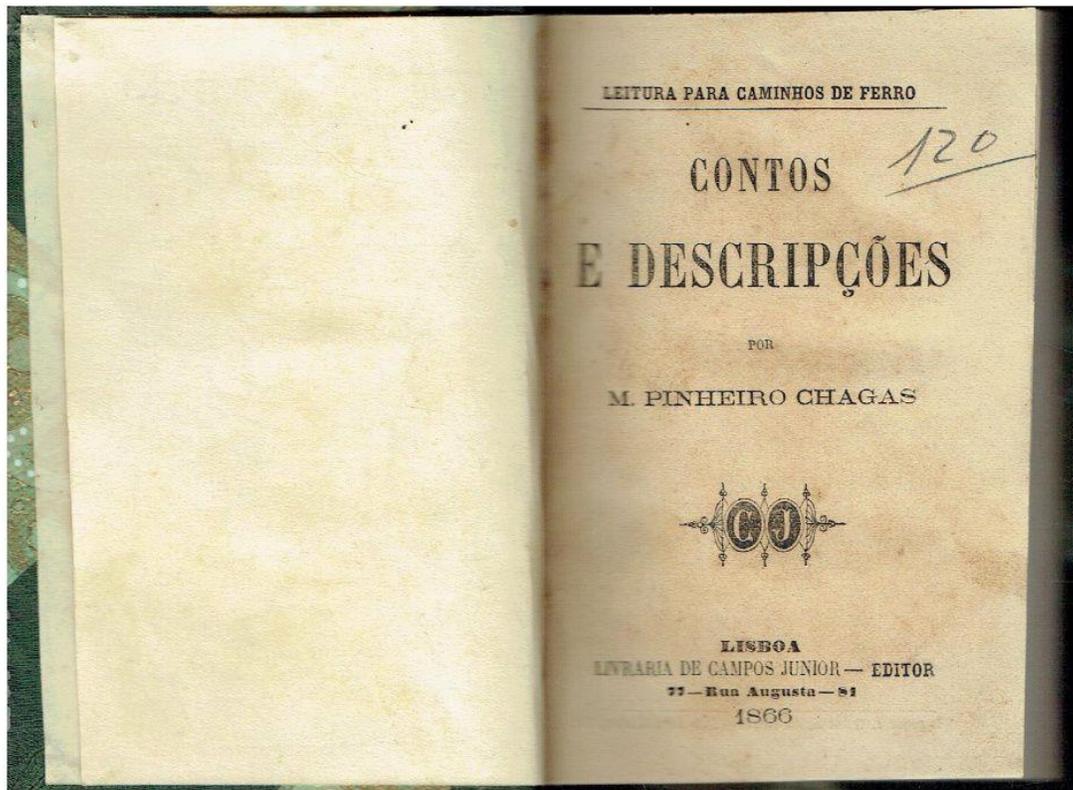
offe

S. Bartholomaeus

COIMBRA
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE
1865

Leitura para Caminhos de Ferro





Num livro destinado à leitura dos caminhos de ferro, um prólogo é absurdo. A locomotiva não o tem. (...)

A locomotiva parte à hora anunciada. Não há um instante de intervalo, e a muito custo tenho tempo de lhe dizer, enquanto os seus vizinhos se acomodam nas almofadas do vagon, que o livro que vai ler é uma pequena colecção de folhetins despretensiosos, correndo ao de leve por todos os assuntos, e **desejando proporcionar leitura amena e fácil.**

(Chagas *apud* Abragão, 1956: 60-61)

Júlio César Machado

N.º 29

ALBUM DAS GLORIAS

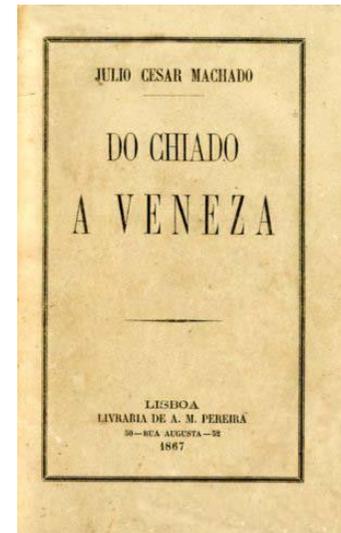
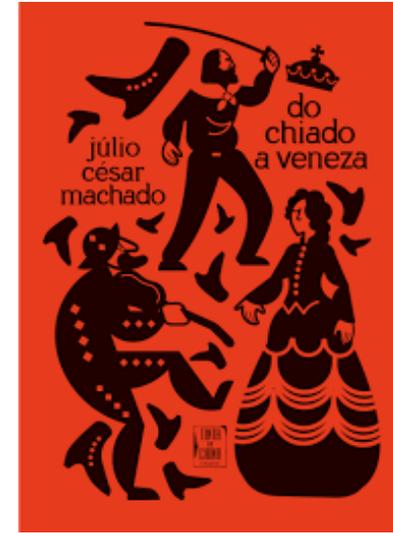
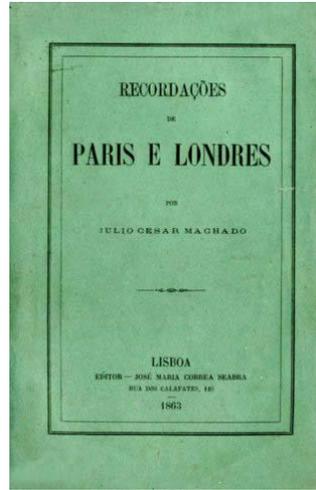
JUNHO 1882

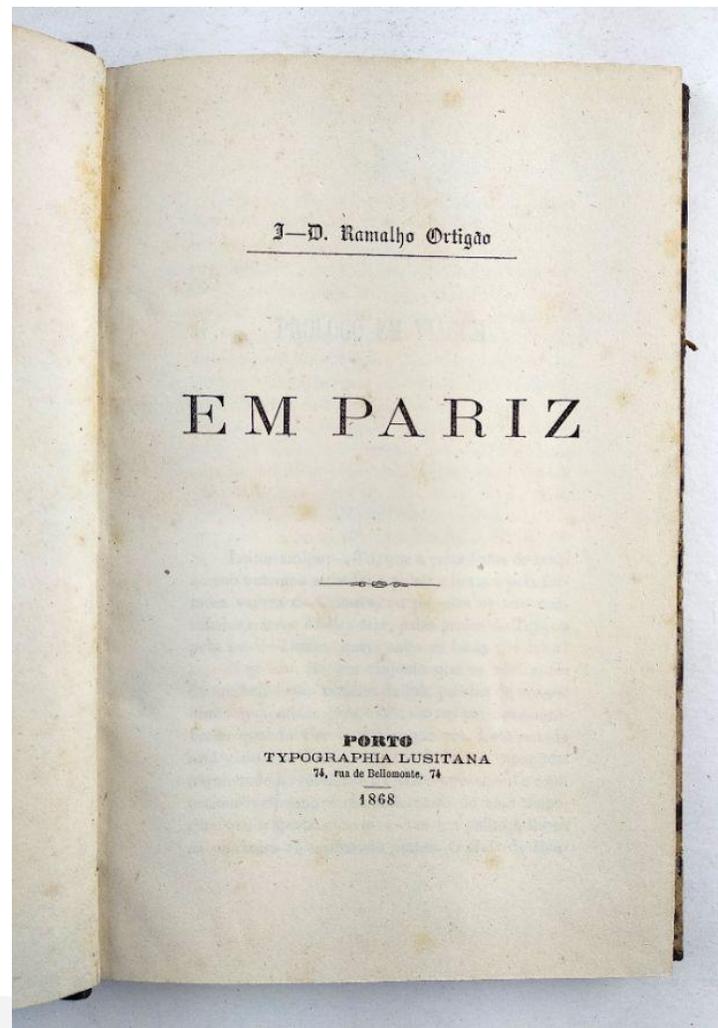


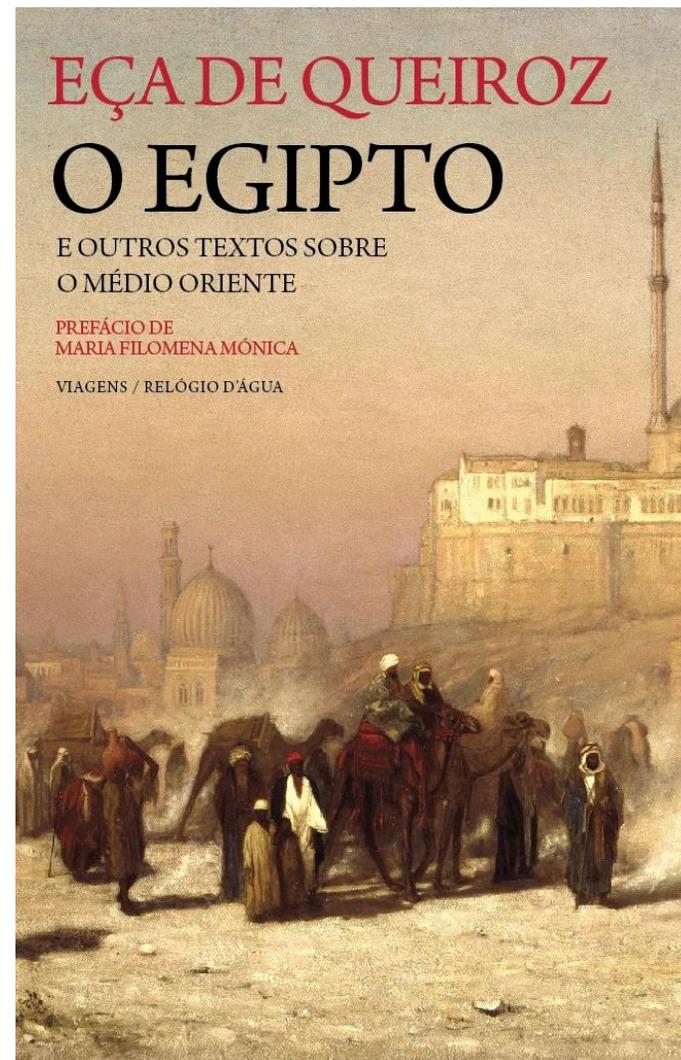
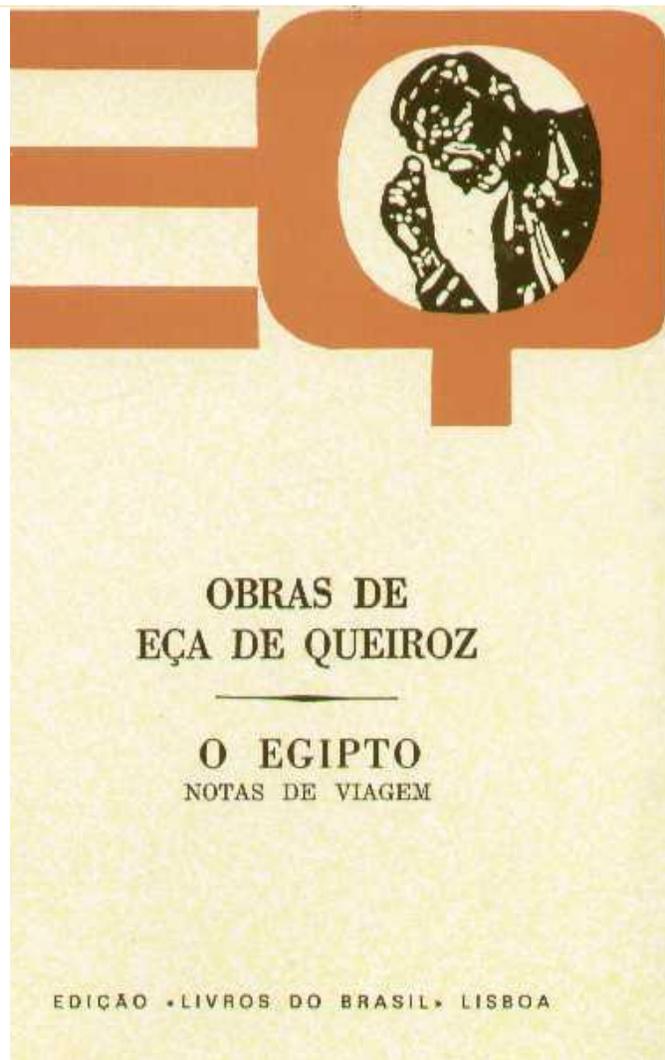
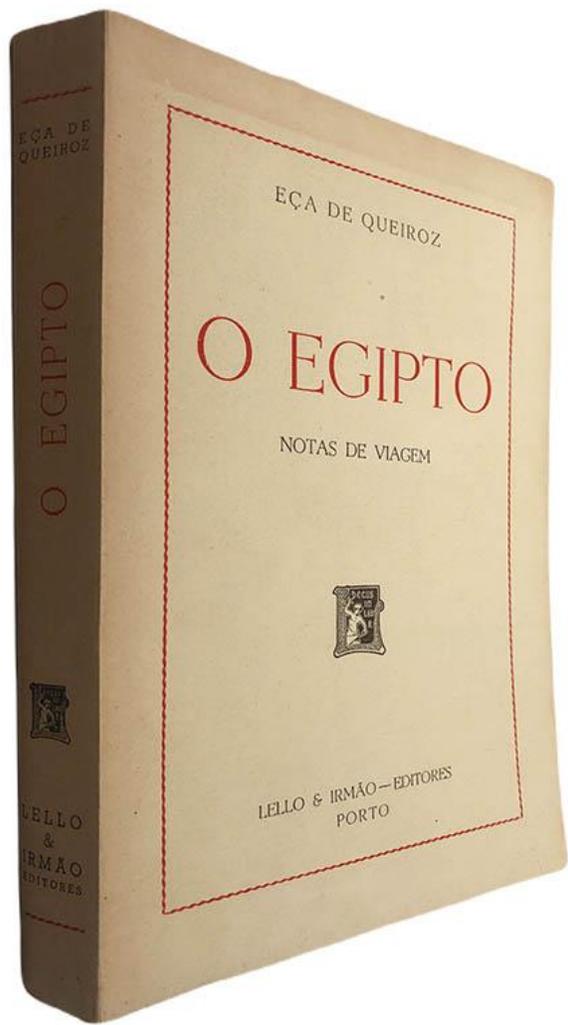
DEPUTADO

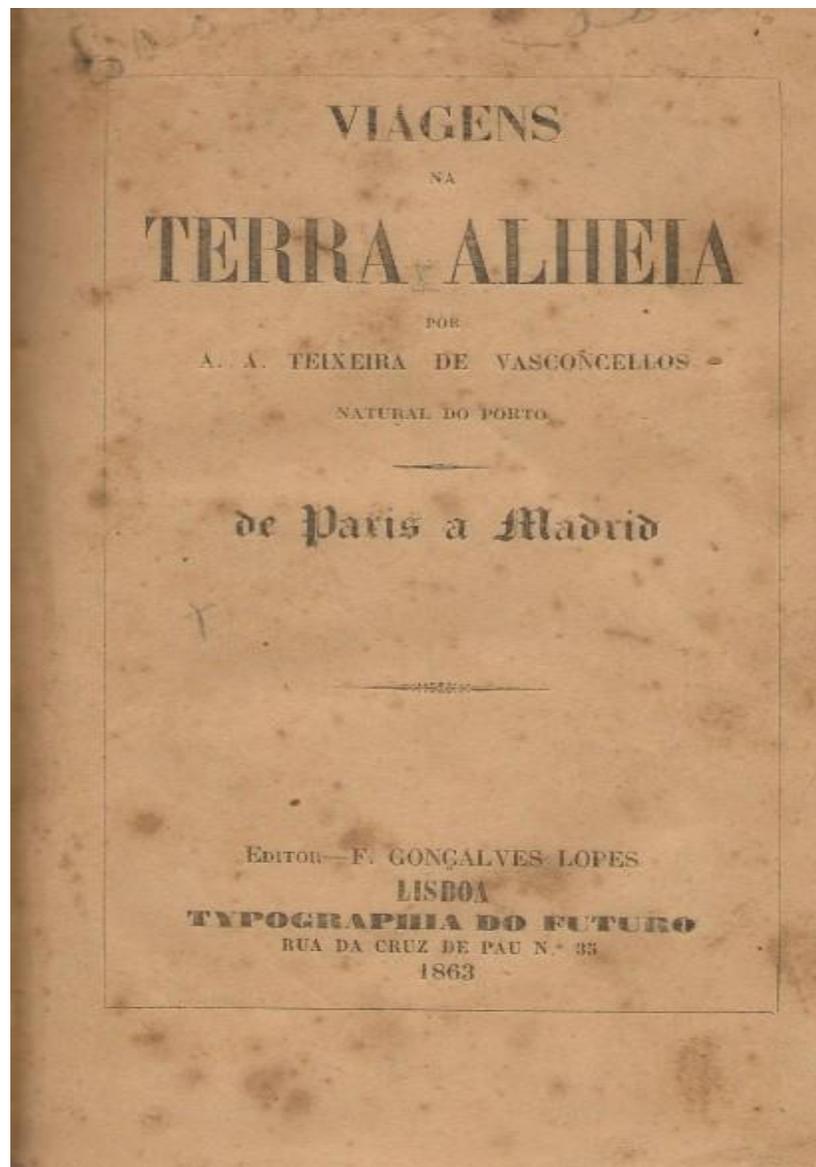
CEZAR JULIUS VOLMETIMFEX MAXIMUS

Lithographia Godefr., rua de Almeida de Castro, 13



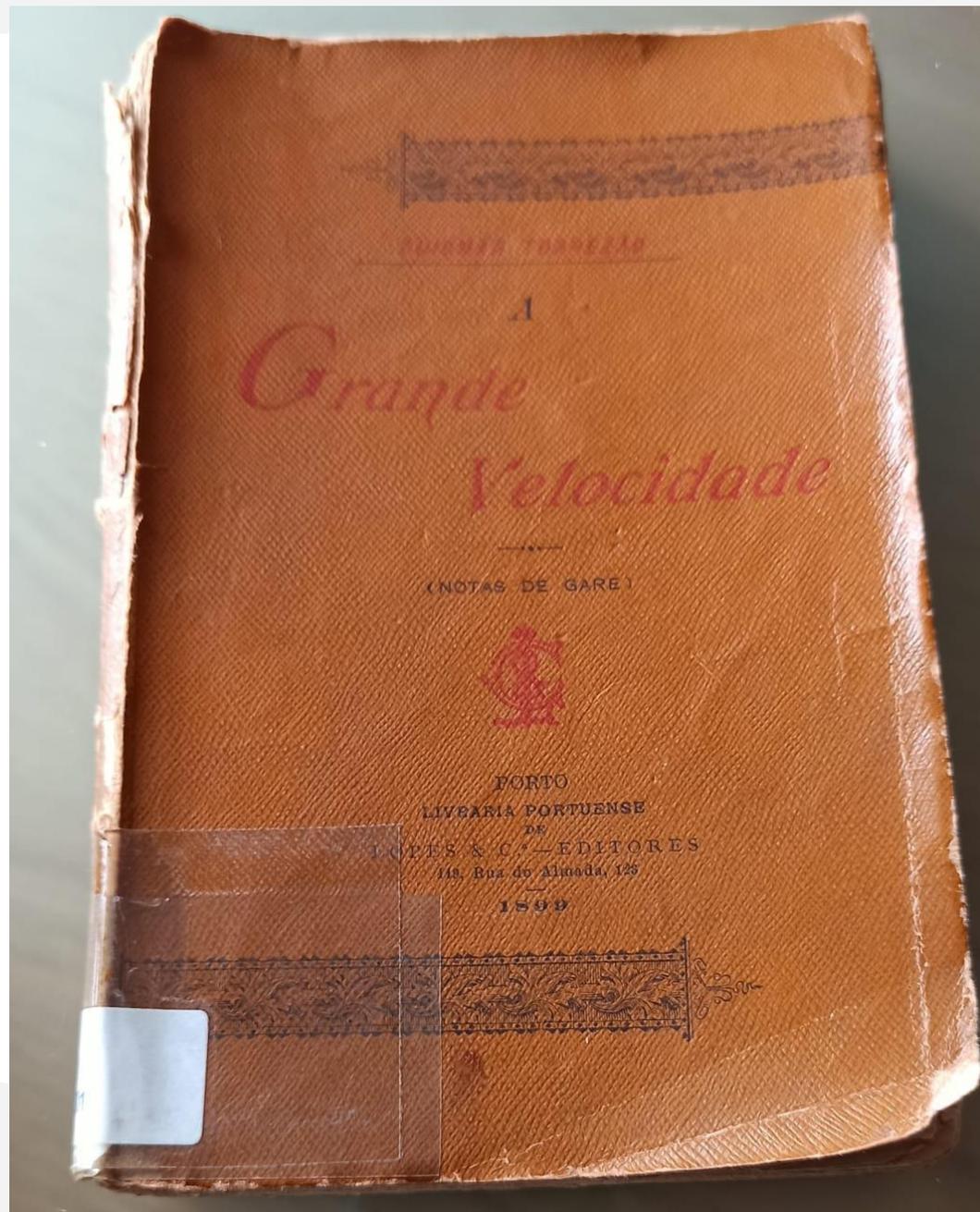








Guiomar Torrezão



Experiência da velocidade

Hoje a locomoção é outra: rápida, certa, vertiginosa.

O caminho de ferro devora as distâncias e os episódios.

Apartou para sempre, correndo fumegante por entre eles, os salteadores, que surpreendiam a liteira e o macho. Encurtou os horizontes, retalhou as paisagens, acabou com as hospedarias sinistras, com os pavores nocturnos, com os lobos famélicos, com os pinheirais – covis. Passa assobiando e bomboando nos ares o seu longo penacho escuro e vaporoso. É o gigante do progresso e quem há-de afrontar gigantes? Mas os escritores que vão dentro, não vêem o que antigamente viam. As povoações passam-lhes diante dos olhos numa dança fantástica. Não há episódios. Não há aventuras. (Pimentel *apud* Abragão, 1956: 18)

Quando se atravessa uma povoação, como nós atravessamos Santarém, parece que os telhados das casas se atropelam, que saltam uns por cima dos outros, que vão em fuga debandada, como se tivessem notícia de que ia algum tufão correndo atrás deles. Tem a gente vontade de encontrar um indício, que nos possa dizer que terra é aquela, mas não há meio de o conseguir. O terror assenhoreou-se das casas, das ruas, das igrejas. Os campanários fogem a bom fugir gritando de passagem pela voz dos sinos, que nem se dão ao trabalho de nos completar a conta das horas. Dizem-nos a primeira badalada: da última já ouvimos apenas o eco. As casas impelem-se umas às outras e parecem acusar o vagaroso passo das que vão na frente. Não é possível apanhá-las em flagrante delito de indiscrição. Desafio quem for capaz de pôr um nome a esse montão de habitações, a esse tropel de telhas, a esse turbilhão de pedras (...). (Chagas *apud* Abragão, 1956:64-65)

Das condições da viagem

Meu Deus! Como é bom viajar, sentir ampliar-se a existência e duplicar-se o pensamento, ao desdobrarem-se diante dos nossos olhos novas perspectivas, novos horizontes, novos usos e costumes; mas também como é bom dormir e não esgotar o cálice, ligeiramente amargo, de 23 horas passadas em um wagon, uma noite inteira, noite eterna, em que as almofadas de 1ª classe nos dão uma ideia aproximada dos suplícios do ecúleo, sempre que temos a ingenuidade de pedir-lhe um bocadinho de conforto. (Torrezão, 1899: 9-10)

A paisagem física

Era uma manhã um pouco húmida. Grandes nuvens brancas, estiradas, riscavam o céu descorado.

Ao princípio, terras pálidas, lívidas, cortadas de valas de água, como tiras horizontais, uniformes, tristes. Depois, as terras desaparecem, e o comboio corre sobre uma estreita caleira de pedra, através do lago. Vê-se então, no horizonte, reluzir lividamente aquela água imóvel, pesada de sol, estirada, levemente franzida de vento. Mais tarde, começam a negrejar de novo as aparências de terra, árvores, troncos – sem uma erva, sem uma besta – até que por fim se entra nos campos de cultura.

Vemos até ao largo do horizonte os descampados frescos cheios ainda do Nilo. (Queirós, 2016: 60-61)

A vegetação anémica aparecia-nos às vezes em súbitos relances de garridice: canis abertos pela levada da chuva orvalhavam molhos de flores, abrindo em ramalhete; as giestas irrompiam como uma explosão de oiro dos interstícios das pedras: o sol atravessava os campos como uma flecha de luz; os horizontes faiscavam, os verdes facetavam-se, as montanhas bruniam-se e azulejavam, mordidas pela paleta aurífera.

(...)

O colossal penacho de fumo espirala-se, torce-se, ondula, passando em vitorioso arauto das civilizações extremas ao longo das povoações e atravessando as charnecas incultas. (Torrezão, 1899:12-13; 14)

A paisagem humana

Não há trem de segunda classe em que não haja pelo menos: uma mulher feia, que põe o lenço na boca e se ri de tudo; um homem que dorme sempre; um engraçado que vai a divertir duas senhoras; um presumido de faces rosadas e buço incipiente (...), e espinica palavra por palavra sempre que abre a boca para dizer uma babosice; um poeta que se distingue dos que não o são por umas longas melenas, como já ninguém usa, e por essa palidez e maceração de semblante própria de quem desvela as noites a contar sílabas pelos dedos(...).

Além destes indivíduos há ainda um homem que ralha com sua esposa porque esta se esqueceu de alguma coisa; um que fala em política e outro que, ao passar na Granja, observa que a estação devia estar em espinho.

Vejam que delicioso manancial para se retouçar o espírito de um filósofo, de um observador e de um *touriste*!

(Ortigão *apud* Abragão, 1956:94-95)

Íamos sentados ao pé dum engenheiro do canal de Suez. A luz clara de Outubro envolvia a cabine, e, numa grande surpresa, víamos olhando pela janela, a doçura do Baixo Egipto.

(...)

Tínhamos visto o *fellah* movendo o *chaduf* nos campos, curvado sob os pesados fardos, enchendo os odres de água do Nilo, dormindo à noite nas ruas de Alexandria com a cabeça embrulhada na túnica, encolhido, imóvel como um saco num celeiro. Tínhamo-lo visto bastonado no cais de Alexandria. Tínhamo-lo visto através da janela do vagão, trabalhando nos canais, apartando ou ligando os molhos de trigo ou de linho e fazendo a sua oração, prosternado à beira de um regato. (Queirós, 2016: 61, 64)

Com o caminho de ferro nalguma escrita de viagens portuguesa

V Encontro De Famalicão para o Mundo

Organização científica:
Aurora Ferreira (CMUP)
Luís Alberto Alves (FEUC/FLUP)
Cláudia Nóbrega (FEUC/FLUP/INIST)
Filipa Lopes (FEUC/FLUP/INIST)
Cristina Clemente (FEUC/FLUP/INIST)
Antónia Gonçalves (FEUC/FLUP/INIST)
Miguel Barros (FEUC/FLUP/INIST)
Aurora Marques (FEUC/FLUP)

CO MBC

... de comboio há 150 anos!

10 1

19.

50 20.09.25 A

Museu Nacional Ferroviário - Núcleo de Lousado, VN Famalicão

Imagem decorativa: <https://www.inec.pt/pt/inec/2020>
Imagem decorativa: <https://www.inec.pt/pt/inec/2020>

Fátima Outeirinho

Universidade do Porto-Instituto de Literatura Comparada

